

Delírio, um novo conceito projetado em cinemas – Autor: José Paulo Fiks

Zacarias Borges Ali Ramadam¹

Recebido: 6/12/2002 Aceito: 12/12/2002

O autor, José Paulo Fiks, é psiquiatra e psicanalista e esse livro resultou de uma dissertação de mestrado apresentada no Departamento de Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

O trabalho trata da articulação entre três campos do conhecimento: psiquiatria, semiótica de Charles S. Peirce e cinema. São conceitos costurados para a contribuição ao campo da psicopatologia. Para progredir na teoria do delírio é necessária uma nova formulação. DSM-IV e CID-10, os códigos atuais de classificação dos transtornos mentais não destacam mais os quadros delirantes.

O “delírio” tem aparecido mais como característica “psicótica” de vários quadros do que como categoria diagnóstica específica. Como as outras posições dos códigos, essa encontra críticos radicais. Um deles é o psiquiatra Carol Sonenreich, que propõe o delírio como “perda da comunicação lógica entre um indivíduo e os outros”.

A semiótica de Peirce foi escolhida para apoiar a proposta de Sonenreich e acrescentar elementos da lógica do pragmatismo, além do interessante conceito de *falibilismo* inventado por Peirce. O filósofo americano acreditava que uma das mais elementares capacidades do ser humano é perceber a possibilidade de falhar. Essa percepção facilita o reconhecimento do erro, a correção e a retomada do alvo de acerto. A aplicação desse conceito tão simples ao delírio revela que o delirante é incapaz de reconhecer suas falhas. É o outro que o persegue, só há certezas.

As idéias com respeito à clínica psiquiátrica devem ser sempre ilustradas com exemplos: o relato, a obser-

vação do caso. Entretanto, a interlocução desse livro se dá no campo da arte, da comunicação, além de um apanhado no campo das neurociências. Desse modo, o instrumento usual não pode ser a observação clínica. O cinema foi escolhido como fonte de exemplos, um paralelo aos casos da clínica. Apesar de a televisão ser o meio de comunicação mais popular, ainda é o cinema que mais transmite conceitos abordados pelo campo da saúde mental. Desde seu surgimento, o cinema utiliza a psiquiatria como tema, o que não tem ocorrido com outras mídias.

Ressalta-se que não são feitos diagnósticos de personagem – isto é uma característica da relação médico-paciente – mas alguns filmes exibem a narrativa tal qual podemos encontrar na psiquiatria. Alguns realizadores se propõem a exibir personagens com doença mental. Trata-se, portanto, da intenção do filme.

O cinema influencia a visão do mundo, tanto dos psiquiatras quanto de seus pacientes. As condutas atribuídas aos “loucos” de filme podem influenciar a sintomatologia. Sabemos que os doentes interpretam suas vivências, suas percepções conforme padrões, lugares comuns, com os quais as “mídias” e a cultura nos familiarizam. A expressão da doença pode ser moldada pelos filmes vistos, assim como é pelas experiências de vida, pelos valores que adotamos.

O cinema como substituto de casos exemplares, como lugar limite entre realidade e fantasia, como modelo de valores e tipos propagados pela “mídia” é articulado nesse trabalho, para ampliar os argumentos do autor e descortinar outras perspectivas.

Professor Associado do Departamento de Psiquiatria do HCFMUSP.

Endereço para correspondência:

Instituto de Psiquiatria do HCFMUSP – 1ª andar

Rua Ovídio Pires de Campos, s/n

São Paulo, SP – CEP: 05403-010

E-mail: jpfiks@uol.com.br